O DESCOBRIMENTO DO MUNDO (uma leitura de *A hora da estrela* de Clarice Lispector) *

Elaine Cristina G. de Oliveira
Eudinéia Pereira dos Santos
Karelaine de A. Coelho Bezerra
Vera Lúcia Monteiro Araújo

Resumo

Este texto é uma leitura do romance *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, buscando compreender as relações precárias entre a personagem e os espaços de sua experiência. Além dos espaços, o trabalho analisa a contradição entre a metanarrativa e a estória *simples* e *linear* de Macabéa; da mesma forma que articula a significação dos personagens, a partir dos seus nomes e atitudes, para a estrutura de sentidos do romance.

Palavras-chave
Clarice Lispector. Conhecimento. Desconhecimento. Macabéa. Romance. Modernidade. Narrativa.

Résumé

Ce texte c'est une lecture du roman A hora da estrela, de Clarice Lispector tout en essayant de comprendre les relations précaires entre le personnage et les espaces de son expérience. Outre les espaces, le travail analyse la contraction entre la métanarrative et l'histoire simples et linéaire de Macabéa; de même que l'on articule la signification des personnages, à partir de leurs noms et leurs comportements pour la structure de sens du roman.

Mots-clé
Clarice Lispector. Connaissance. Méconnaissance. Macabéa. Roman. Modernité. Narrative.

---

* Este trabalho foi realizado para a disciplina Literatura Brasileira V no semestre 2000.1

O Outro

Eu não sou eu nem sou o outro,
Sou qualquer coisa de intermédio:
Pilar da ponte de tédio
Que vai de mim para o outro.

(Mário de Sá Carneiro, Lisboa, fevereiro de 1914)

O que é o trabalho

Este trabalho constará de uma leitura de *A hora da estrela*, de Clarice Lispector. Para isso, procuraremos seguir um determinado roteiro para tentar trabalhar, de forma sistemática, os principais aspectos da obra como um todo. A partir da explicitação, de forma resumida, do *enredo*, ou seja, do que o livro narra e como está estruturado, faremos uma leitura das pistas de identidade, a todo tempo buscada, entre o autor, o narrador e a personagem Macabéa. Ao mesmo tempo, também, em que procuraremos apontar os impasses e as impossibilidades dessa mesma identidade ansiosamente tentada. Para esta leitura, destacaremos as relações entre as *pessoas* e os seus espaços – dos espaços mais próximos como o trabalho, a casa e a rua, aos espaços de construção mais ampla e complexa como o Nordeste e a cidade grande, além dos espaços imaginários. Ao lado da verificação dos espaços, consideramos importante, ainda, a busca de prováveis significados entre os nomes e o ser das personagens e, por fim, a adequação entre a linguagem e a matéria narrada, destacando os discursos e as imagens que caracterizam as pessoas e definem as situações que elas enfrentam. É este o roteiro da nossa leitura.

Resumo do livro

O enredo de *A hora da estrela* nasce da tensão entre a história contada e a busca do narrador por compreender a personagem, ou seja, a narrativa é a tensão entre *duas* histórias – a da personagem e a do narrador que quer, pela compreensão do que está narrando, chegar à compreensão de si próprio. De forma não-linear, a história gira em torno da angústia do narrador diante da vida de Macabéa, personagem que já começa com um fim anunciado.

Com espaços delimitados, a obra constrói-se ora no trabalho, ora no quarto em que Macabéa dormia com as companheiras; quando não ainda, nas ruas do Rio de Janeiro. Além disso, há o que chamaremos de *espaço do desenraizamento*, ou seja, a relação precária da personagem com o mundo em que vive e as poucas lembranças que guarda da infância.

Macabéa não tem nada que lhe caracterize mais do que o *não existir*, pois ao mesmo tempo que tenta entender o mundo e buscar seu lugar nele, não é percebida senão como uma criatura cuja única grandeza é ser digna da piedade do narrador. Mulher por natureza, mas sem grandes atributos que a qualifiquem, Macabéa é um ser indesejado, um incômodo; principalmente para o narrador que, numa linguagem simples, do ponto de vista da construção da frase (porém, semanticamente complexa e inovadora, no estilo peculiar à obra de Clarice Lispector), descreve toda a história num tom ora piedoso, ora perturbado. Serão esses movimentos ambíguos e contraditórios; serão os gestos paradoxais da narrativa o objeto da leitura em curso.

A Hora da Estrela foi o último livro publicado, em vida, por Clarice Lispector. O seu narrador é Rodrigo S.M., que formula o texto de forma metanarrativa, *ironizando* e, portanto, ambigüizando o estilo e a construção da obra, tecendo reflexões sobre a posição que o escritor ocupa na sociedade, seu papel diante dela e, principalmente, sobre o processo de elaboração da escritura de sua obra:

> Escrevo neste instante com prévio pudor por vos estar invadindo com tal narrativa tão exterior e explícita. De onde, no entanto, até sangue arfante de tão vivo de vida poderá quem sabe escorrer e coagular em cubos de geléia trêmula. Será essa história um dia o meu coágulo? Que sei eu. Se há veracidade nela – e é claro que a história é verdadeira embora inventada – que cada um reconheça em si mesmo porque todos nós somos um e quem não tem pobreza de dinheiro tem pobreza de espírito ou saudade por lhe faltar coisa mais preciosa do que ouro – existe a quem falte o delicado essencial. (p.13)

A personagem principal da narrativa é Macabéa, mais das vezes reduzida ao apelido de Maca, compondo uma imagem paradoxal dos

sete Macabeus, personagens bíblicos. Uma curiosidade é que o próprio narrador fala que sua obra terá sete personagens, assim como na Bíblia, o que não podemos deixar passar como simples coincidência: "A história – determino com falso livre-arbítrio – vai ter uns sete personagens e eu sou um dos mais importantes... (p. 3)."

Maca foi criada por uma tia beata após a morte dos pais, quando tinha dois anos de idade. Acumula, em seu corpo franzino, a *herança do sertão*, todas as formas de repressão cultural, o que, para o narrador, a deixa alheada de si e da sociedade. Dessa forma, segundo o narrador, ela *nunca se deu conta de que vivia numa sociedade técnica da qual ela era um parafuso dispensável*, pois Macabéa é alagoana deslocada no Rio de janeiro, possuindo um nome estranho e uma aparência nem um pouco atraente. Vai trabalhar como datilógrafa e divide um quarto, onde mora, com mais quatro mulheres.

Depois de um certo tempo convivendo com as pessoas de seu trabalho – Glória, a colega, e o Senhor Raimundo Silveira, o patrão –, Macabéa encontra o seu primeiro amor num passeio por uma das praças da cidade. Ele, paraibano, era tão nordestino quanto ela; no entanto, por causa de um certo conflito entre as personalidades, nada fazia dos dois um casal de verdade. Olímpico representa um contraponto em relação a Macabéa. Seus valores em nada se relacionam aos dela; operário pobre, tem a pretensão de ser deputado e encontrar alguém melhor do que Macabéa.

Posteriormente, devido à interferência de uma velha cartomante, conhecida de Glória, esta colega de trabalho termina roubando o namorado de Macabéa, a conselho da velha e por vontade também do rapaz, que vê em Glória um *bom partido*, já que o pai dela era açougueiro, o que lhe dava maiores perspectivas de vida.

Após esse desastre amoroso, Maca vai consultar a cartomante e, ao sair da casa desta, satisfeita da vida, é atropelada por um belo carro, depois de ter ouvido previsões que iriam mudar, de forma decisiva, a sua vida.

Finalmente, no limiar entre a vida e a morte, ela iria conhecer *a hora da estrela* – a possível felicidade?

A autora

Clarice nasceu em Ichelchenik, na Ucrânia, em 1920. Chegou ao Brasil com os pais e duas irmãs aos dois meses de idade, instalando-se em Alagoas. Vai para Recife depois dos seus três primeiros anos de idade. A mãe morreu quando ela tinha 9 anos. A família se transfere para o Rio de Janeiro, onde Clarice começa a trabalhar como professora particular de português.

Em 43, conhece e casa-se com Maury Gurgel Valente, futuro diplomata. O casamento dura 15 anos. Dele nasce Pedro e Paulo. No ano seguinte, ela publica *Perto do Coração Selvagem*. Em plena Segunda Guerra Mundial, o casal vai para a Europa. Permanece em Nápoles até 1946. Lá, em 44, Clarice conclui *O Lustre*, livro iniciado no Brasil e que seria publicado em 46. Neste mesmo ano, tenta iniciar *A Cidade Sitiada*, livro que sairia em 49. *Alguns Contos* foi publicado em 52.

A década de 60 principia com a publicação do livro de contos *Laços de Família*. Seguiram-se as publicações de *a Maçã no Escuro*, em 61, livro que recebeu o Prêmio Carmen Dolores Barbosa; *A Legião Estrangeira*, em 64 e *A Paixão Segundo G. H.* no mesmo ano. De literatura infantil, escreveu *O Mistério do Coelhinho Pensante*, (uma exigência do filho Paulo que ganharia o Prêmio Calunga em 67, ano de sua publicação); *A Mulher que Matou os Peixes*, publicado em 69; *A Vida Íntima de Laura* em 74 e *Quase de Verdade*, em 78, após sua morte.

Em 69, publica o romance *Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres*. Em 71, a coletânea de contos *Felicidade Clandestina*, volume que incluiu *O Ovo e a Galinha*. Os últimos anos de sua vida são de intensa produção: *A Imitação da Rosa* (contos) e *Água Viva* (ficção), em 1973; *A Via Crucis do Corpo* (contos); *Onde Estiveste de Noite*, também contos, em 74; *Visão do Esplendor* (crônicas) em 75. No ano seguinte, Clarice Lispector recebe o 1.º Prêmio do X Concurso Literário Nacional, pelo conjunto da obra. Em 77, concede entrevista à TV Cultura, com o compromisso de só ser transmitida após a sua morte. Ela antecipa a publicação de um novo livro, que viria a se chamar *A Hora da Estrela*, adaptado para o cinema nos anos 80 por Suzana Amaral.

Clarice morre, no Rio, no dia 9 de dezembro de 1977, um dia antes do seu 57.º aniversário. Queria ser enterrada no Cemitério São João Batista, mas era judia. O enterro aconteceu no Cemitério Israelita do Caju. Postumamente, foram publicadas: *Para Não Esquecer* (crônica) e *Um Sopro de Vida* em 78, *A Bela e a Fera* (contos) em 79, *A Descoberta do Mundo* (crônicas reunidas) em 84 e, por último, em 87, *Como Nascem as Estrelas* (doze lendas brasileiras – crônicas).

As pistas de uma identidade buscada
(autor/narrador/personagem)

Nesta narrativa, Clarice deixa transparecer elementos que a identificam como *verdadeira* autora da obra: logo na dedicatória do autor, *na verdade Clarice Lispector*, tem-se uma auto-referência tanto na presença do próprio nome quanto na sua repetição através do pronome *me*. Para *esconder*-se, Clarice veste-se de Rodrigo S.M., deixando este atuar como o narrador da história.

Na verdade, o que ocorre é um movimento ambíguo: existem as marcas de aproximação entre o autor, o narrador e o personagem, e, ao mesmo tempo, as marcas de afastamento entre os três. Como exemplo do primeiro caso, poderíamos citar a relação autor/narrador em que ambos são nordestinos. Por outro lado, enquanto índice de distanciamento, está a escolha de um narrador masculino.

O narrador faz referência ao Nordeste; é nordestino, se criou em Recife (*sem falar que eu, em menino, me criei no nordeste*, p. 12). A autora também tem uma experiência *nordestina*. Clarice nasceu na Ucrânia – União Soviética, recém-nascida foi para Alagoas onde viveu seus três primeiros anos de idade; em seguida foi para o Recife e aos doze anos de idade foi morar no Rio de Janeiro. Macabéa também é nordestina, pois nasceu e morou em Alagoas, antes de ir para o Rio de Janeiro.

Esse processo de aproximação está igualmente presente na relação narrador/personagem quando o narrador, mais uma vez, quer chegar o mais próximo possível das condições de vida de sua personagem. Isso acontece no momento em que ver a imagem de Macabéa refletindo seu rosto no espelho: "Vejo a nordestina se olhando ao espelho e – um ruflar de tambor – no espelho aparece o meu rosto cansado e barbudo. Tanto nós nos intertrocamos. Não há dúvida que ela é uma pessoa física (...) estremeço." (p. 37)

Para falar em Macabéa, o narrador Rodrigo S.M. torna-se um trabalhador braçal, faz-se pobre, deixa a barba por fazer, para lidar com essa personagem de corpo cariado, que vive numa cidade toda feita contra ela: "Para falar da moça tenho que não fazer a barba durante dias e adquirir olheiras escuras por dormir pouco; só cochilar de pura exaustão, sou um trabalhador manual. Além de vestir-me com roupa velha rasgada. Tudo isso para me por ao nível da nordestina." (p.19)

Há afastamento entre a identidade do narrador e da protagonista Macabéa quando ele diz que não quer nem pisar na rua na qual mora Macabéa: "Rua do Acre. Mas que lugar. Os gordos ratos da rua do Acre. Lá é que não piso, pois tenho horror sem nenhuma vergonha do pardo pedaço de vida imunda." (p. 30)

Esta ambigüidade *distanciamento/aproximação* termina por caracterizar os aspectos formais que constroem o livro. Decorre dessa construção que um dos maiores conflitos existentes na narrativa é, sem dúvida alguma, a busca incessante do narrador por tentar compreender o universo em que está inserida a personagem e querer a todo momento se identificar, se reconhecer no papel de Macabéa. Esquece o narrador que a experiência do indivíduo é intransferível, não podendo um buscar explicação para sua identidade nas experiências do outro, correndo-se o risco de, se isso acontecer, haver um processo de anulação de uma das identidades. "A ação desta história terá como resultado minha transfiguração em outrem e minha materialização, enfim, em objeto."(p..20)

O narrador, ao contar Macabéa, conta a si mesmo, não só pelas constantes vontades de se identificar com ela, mas porque ela sai de dentro de si, imanente que é a ele e, porque *sai* de si, é igualmente o outro e seus incômodos (*pois a datilógrafa não quer sair de meus ombros)*. (p. 13).

Assim, pela proximidade do narrador, a personagem esboça algum gesto de resistência em busca da vida. Uma das formas de Macabéa representar essa resistência está nos momentos em que sorri, na rua, para pessoas que sequer a vêem; resistência que o narrador experimenta, na busca da palavra, cheia de sentidos secretos e, tanto quanto Macabéa, a palavra se apresenta como pedras brutas a serem lapidadas.

Chegaremos, após esta etapa da impossibilidade de transferência de personalidade, a um outro ponto igualmente importante no trabalho: o da metalinguagem, quando o escritor adquire consciência de sua *marginalização*, pois ele e sua personagem são marginalizados em relação a um espaço que não os aceita, embora por motivos diferentes:

> Sim, não tenho classe social, marginalizado que sou. A classe alta me tem como um monstro esquisito, a média com desconfiança de que eu possa desequilibrá-la, a classe baixa nunca vem a mim. (p. 12)

Macabéa um dia demonstrou reflexão sobre isso:

> Cobiçou: um livro que seu Raimundo, dado à literatura, deixara sobre a mesa. O título era Humilhados e Ofendidos. Ficou pensativa. Talvez tivesse pela primeira vez se definido numa classe social. Pensou, pensou e pensou! Chegou à conclusão que na verdade ninguém jamais a afendera, tudo que acontecia era porque as coisas são assim mesmo e não havia luta possível, para que lutar?

Dessa forma, podemos dizer que é intrigante a maneira como é construída a narrativa a partir das marcas de aproximação e de distanciamento entre autor/narrador e entre narrador/personagem. Do mesmo modo, é igualmente intrigante como este narrador consegue prender o leitor e fazer com que ele seja parte da história, na medida em que o leitor é, para ele, uma espécie de confidente. A obra em si é como se fosse um diário angustiante, em que o narrador-personagem fala de alguém por quem, ao mesmo tempo em que sente pena, sente também amor. Para ele, o leitor é um ser que escuta suas lamentações, num recorrente exercício metalingüístico sobre o ofício de narrar. Assim também como quando ele traça o perfil da personagem: com inúmeras inquietações e indagações, pois, a princípio sem nome, Macabéa tinha existência rala.

O narrador, por ocupar o lugar de narrador-personagem, não consegue suportar e manter-se onisciente, para ele esta é uma tarefa difícil, uma vez que ela, a personagem, é um ser com total dependência dele, sem consciência direito de estar viva, tampouco da complexidade do seu ser. A onisciência é, ao mesmo tempo, uma necessidade e um peso enorme:

> Pareço conhecer nos menores detalhes essa nordestina, pois se vivo com ela. E como muito adivinhei a seu respeito, ela se me grudou na pele qual melado pegajoso ou lama negra. (p. 21)

> Pergunto eu: conheceria ela algum dia do amor o seu adeus? Conheceria algum dia do amor os seus desmaios? Teria a seu modo o doce vôo? De nada sei. Que se há de fazer com a verdade de que todo mundo é um pouco triste e um pouco só. (p. 40)

Macabéa sai de Alagoas para o Rio de Janeiro, uma cidade que é *toda feita contra ela*. Ela traz, com o exercício da carência, o jeito de não existir, de não incomodar, por isso termina adquirindo o hábito de se desculpar por tudo, como se sua própria existência já fosse motivo para pedir desculpas: "Ela nascera com maus antecedentes e agora parecia uma filha de não-sei-o-quê com ar de se desculpar por ocupar espaço."(p.27)

Constatou-se, através de seu trabalho – que desempenhava, diga-se de passagem, muito mal – que ela não era incompetente somente para viver, mas também para fazer qualquer tipo de trabalho, de tão ignorante que era:

> Ela deveria ter ficado no Sertão de Alagoas, já que escrevia tão mal, só tinha até o terceiro ano primário. Por ser ignorante, era obrigada na datilografia a copiar lentamente letra por letra – a tia é que lhe dera um curso ralo de como bater à máquina. E a moça ganhara uma dignidade: era enfim datilógrafa. (p.15)

Macabéa, além de não conseguir nada de si mesma, não conseguia sequer sentimentos ou gestos, como paciência, das outras pessoas. Para estas, era inconcebível tanta ignorância e incompetência numa pessoa só (quanto a isso, o narrador talvez tenha exagerado na construção da personagem, pois Macabéa não possuía nenhum atrativo: não era bonita nem esperta, era apenas alguém no mundo, sem a menor importância), tanto que seu chefe é obrigado a pronunciar-se a esse respeito:

> Faltava-lhe o jeito de se ajeitar. Tanto que (explosão) nada argumentou em seu próprio favor quando o chefe da firma de representante de roldanas avisou-lhe com brutalidade (brutalidade essa que ela parecia provocar com sua cara de tola, rosto que pedia tapa) que só ia manter no emprego Glória, sua colega, porque quanto a ela, errava demais a datilografia, além de sujar invariavelmente o papel. Isso disse ele. (p. 25)

Na sua casa, ou melhor, no minúsculo quarto que dividia com umas companheiras, balconistas das *Lojas Americanas*, o ambiente também não era muito propício ao bem-estar; afinal de contas, como ter privacidade em meio a tantas pessoas com quem ela não tinha a

menor intimidade, totalmente estranhas para ela? Não havia como se descobrir no olhar das outras, por isto Macabéa precisava se descobrir olhando para si mesma e, dessa forma, descobrir o sentido de sua existência no mundo, coisa que a situação em que ela vivia não permitia: "O quarto ficava num velho sobrado colonial da áspera rua do Acre entre as prostitutas que serviam a marinheiros, depósito de carvão e cimento em pó, não muito longe do cais do porto. O cais imundo dava-lhe saudade do futuro." (p.30)

As pessoas e seus espaços

Os espaços existentes, em *A Hora da Estrela,* são principalmente os espaços físicos como: a rua, o quarto, o trabalho; além do espaço *ideológico,* presente na oposição Nordeste/Sudeste, e dos espaços imaginários que povoam os sonhos das personagens: lembranças da infância, desejo de ascensão social, sonho de ser estrela de cinema.

A personagem Macabéa viera do Nordeste, da cidade de Alagoas para o Rio de Janeiro, onde morava com mais quatro colegas balconistas na Rua do Acre: "O quarto ficava num velho sobrado coloquial da áspera rua do Acre entre as prostitutas que serviam a marinheiros, depósitos de carvão e de cimento em pó, não longe do cais do porto." (p.45).

Com relação à rua em que morava, como quase tudo na vida de Macabéa, nada existia de novo, era um lugar imundo e feio como sua existência, assim como todos aqueles lugares em que passava a maior parte do tempo: "Rua do Acre. Mas que um lugar. Os gordos ratos da rua do Acre. Lá é que não piso, pois tenho terror sem nenhuma vergonha do pardo pedaço de vida imunda." (p.30).

Quanto ao ambiente em que trabalhava como datilógrafa, um escritório localizado na rua Lavradio, nada era muito diferente, pois Macabéa era tida como relapsa e incompetente, e já havia recebido várias reclamações do patrão. Quando isso ocorria, Maca se trancava no banheiro para poder olhar-se num pequeno espelho, o que simboliza sua busca pela própria identidade, que se revelava deformada.

Resta uma indagação: por que esses ambientes de Macabéa eram tão imundos? Seria para enfatizar ainda mais a sua precariedade de vida em relação ao mundo e às pessoas? Na verdade, a beleza das coisas raramente se mostrava a ela. É como se a pobreza permanente não lhe desse nenhum direito a presenciar esses momentos:

> Enquanto isso – as constelações silenciosas e o espaço que é tempo que nada tem a ver com ela e conosco. Pois assim se passavam os dias. O cantar de galo na aurora sanguinolenta dava um sentido fresco à sua vida murcha. Havia de madrugada uma passarinhada buliçosa na rua do Acre: é que a vida brotava no chão, alegre por entre pedras. (p.31).

Então o narrador, ao tratar da personagem Macabéa, quer fazer uma denúncia social. Na visão do narrador, a vida de Maca no Nordeste provavelmente seria mais compatível com seu jeito de ser, já que era uma moça que para ele trazia, tanto no corpo quanto na alma, características desse espaço pobre. Talvez isto queira significar que, mesmo para o narrador, que busca simpatia e identidade com o seu personagem, é difícil conviver com este nos mesmos espaços urbanos e civilizados do Rio de Janeiro: "Nascera inteiramente raquítica, herança do sertão – os maus antecedentes de que lhe falei. Com dois anos de idade lhe haviam morrido os pais de febres ruins no sertão de Alagoas, lá onde o diabo perdera as botas." (p.35).

A cidade grande do Sudeste do País, com todos os seus espaços, não foi suficiente, mesmo diante de todos os atrativos, para modificar sua maneira de ser e de agir diante das pessoas e do mundo. Isso a tornou um ser diferenciado, ou seja, inadaptado ao espaço pragmático em que vivia. Dessa forma, a visão do narrador, tanto sobre a vida de Maca no Nordeste como no Sudeste, revela um certo preconceito, pois este acreditava que Maca não tinha condições de mudar de vida. Na verdade, é mais que isso, o espaço do Nordeste não lhe deu uma identidade, tampouco o Sudeste. Sua identidade é a ilusão, ou seja, ela vive num mundo imaginário, não numa *realidade* utópica, pois sonha ser atriz de cinema. Então, suas fantasias, suas vontades e utopias a distanciavam do mundo real: "Dava-se melhor com um irreal cotidiano, vivia em câmara leeeenta, lebre puuuuulando, no aaaar sobre os ooooouteiros, o vago era o seu mundo terrestre, o vago era o de dentro da natureza." (p.50).

Diante disso, podemos dividir os espaços pertencentes a Macabéa como: *o espaço do passado*: seria aquele em que ela guarda lembranças da infância e do Nordeste, pouco importante em sua busca como indivíduo; *o espaço do presente*: o Sudeste, seu trabalho e o quarto em que morava com as colegas, também pouco significativo; *o espaço imaginário*: onde vive a maior parte do tempo, onde cria sua

realidade e se deixa levar pelos sonhos, iludindo-se com relação ao mundo e às pessoas.

No espaço imaginário, Maca é gente, tem desejos, sensações, sabe das coisas. É, enfim, um ser humano que se reconhece e a si mesmo se respeita.

As pessoas e os seus nomes

No que diz respeito às pessoas e aos seus nomes, podemos observar que há, na obra, ora uma relação intrínseca entre as personagens e seus nomes, ora há uma relação puramente paradoxal. No primeiro caso, supõe-se que o significado de cada nome seja de grande importância para traçar o perfil das personagens. No segundo, esse paradoxo apresenta-se de forma irônica.

Partindo do narrador, que se afirma como um dos personagens mais importantes: Rodrigo, etimologicamente, significa: *variante de Roderico (príncipe poderoso); rico de glória.* Desempenhando a função de narrador-personagem, é uma espécie de *tutor* de Macabéa; na medida em que tem o poder de criá-la e de, ao mesmo tempo, anunciar seu *grand finale*; afirmando, contraditoriamente, não ter uma previsão exata do que irá ocorrer com a personagem. Nesse aspecto, ele é onipotente, pois procura participar o tempo inteiro dos fatos, da vida de Macabéa, muitas vezes se identificando com ela:

> Pareço conhecer nos menores detalhes essa nordestina, pois se vivo com ela. (p.21).
>
> Vejo a nordestina se olhando ao espelho e – um ruflar de tambor – no espelho aparece o meu rosto cansado e barbudo. Tanto nós nos intertrocamos. Não há dúvida que ela é uma pessoa física (...) estremeço. (p.37).

> A História – determino com falso livre arbítrio – vai ter uns sete personagens e eu sou um dos mais importantes deles, é claro. Eu, Rodrigo S M. (...) Assim experimentarei contra os meus hábitos uma história com começo, meio e grand finale seguido de silêncio e de chuva caindo. (p. 13)

> Tenho um personagem buliçoso nas mãos e que me escapa a cada instante querendo que eu o recupere. (p. 22)

> Pergunto-me se eu deveria caminhar à frente do tempo e esboçar logo um final. Acontece porém que eu mesmo ainda não sei bem como esse isto terminará. (p. 16)

Com relação à personagem principal, Macabéa, traçaremos um paralelo entre ela e os Macabeus. Macabéa, provavelmente, tem esse nome porque, assim como os Macabeus, era resistente, não se deixava influenciar, na maioria das vezes, pelo meio no qual estava vivendo (Rio de Janeiro). Em oposição a isso, a protagonista pode ser vista como alguém diferente das personagens bíblicas; era fraca, já que não tinha a esperteza de procurar a sua situação sócio-cultural, apenas alimentava a ilusão de ser Marylin Monroe.

Em relação a Olímpico de Jesus, se formos levar em consideração o significado da palavra *Olímpio*, na mitologia grega: *morada dos deuses*. Olímpico quer ser sinônimo de poder, isto é, de alguém que busca ascensão social a qualquer preço, sem medir esforços:

Os negócios públicos interessavam Olímpico. Ele adorava ouvir discursos. Que tinha seus pensamentos, isso lá tinha. Acocorava-se com um cigarro barato nas mãos e pensava. Como na Paraíba ele se acocorava no chão, o traseiro sentado no zero, a meditar. Ele dizia alto e sozinho:

—Sou muito inteligente, ainda vou ser deputado.

Contudo, ele era um homem que não apresentava, a exemplo dos deuses, nenhuma característica sublime. Pelo contrário, era uma pessoa que, além de mentir, de trapacear, também chegou a cometer um furto e um homicídio:

> Numa das vezes em que se encontraram, ela afinal perguntou-lhe o nome:
>
> —Olímpico de Jesus Moreira Chaves, mentiu ele, porque tinha como sobrenome apenas o de Jesus, sobrenome dos que não têm pai. Fora criado por um padrasto que lhe ensinara o modo fino de tratar as pessoas para se aproveitar delas e lhe ensinara como pegar mulher. (p.44)

Era mais passível de salvação que Macabéa pois não fora à toa que matara um homem, desafeto seu, nos cafundós do

sertão, o canivete comprido entrando mole-mole no fígado macio do sertanejo. (p. 47)

Ter matado e roubar faziam com que ele não fosse um simples acontecido qualquer, davam-lhe uma categoria, faziam dele um homem com honra já lavada. (p. 58)

Num outro estremo do protótipo feminino, está a figura de Glória, nome que, etimologicamente, significa: *bem-aventurança, celebridade, orgulho*. Para ela mesma e para Macabéa, Glória era o auge da sensualidade e da beleza física; possuindo, ainda, muita esperteza e um pouco de inteligência. No entanto, para o leitor, Glória era o contrário do que dizia o seu nome, ou seja, não possuía nada de glorioso: infeliz no amor, nunca conhecera a seriedade dos homens, sendo inclusive uma colecionadora de abortos:

Glória possuía no sangue um bom vinho português e também era amaneirada no bamboleio do caminhar por causa do sangue africano escondido. Apesar de branca, tinha em si, a força da mulatice. Oxigenava em amarelo-ovo os cabelos crespos cujas raízes estavam sempre pretas (...) É que Glória lhe dissera, quando lhe fora apresentada por Macabéa: sou carioca da gema, pois esta era uma gíria ainda de tempo de juventude do pai de Glória. O fato de ser carioca tornava-a pertencente ao ambicionado clã do sul do País . (p.76)

Olímpico talvez visse que Macabéa não tinha força de raça, era subproduto. Mas quando ele viu Glória, colega de Macabéa, sentiu logo que ela tinha classe. (p. 59)

Com relação a Raimundo, este nome quer dizer: *protetor poderoso, o que defende com inteligência.* Percebemos que a sua posição na narrativa, assim como a de outras personagens, é ambígua. Por um lado, aceita o trabalho desajeitado, sujo e cheio de erros gráficos (como se, no íntimo, ele sentisse pena de Macabéa). Por outro lado, ameaça Maca de demissão, o que o nega como *protetor inteligente*, uma vez que o seu interesse é, pragmaticamente, que o serviço de datilografia seja feito.

O senhor Raimundo Silveira – que a essa altura já lhe havia virado as costas – voltou-se um pouco surpreendido com a inesperada delicadeza e alguma coisa na cara quase sorridente da datilógrafa o fez dizer com menos grosseria na voz, embora a contragosto:

—Bem, a despedida pode não ser para já, é capaz até de demorar um pouco. (p.40)

Carlota, a cartomante, tem seu significado guardado na energia, praticidade, ou seja, *é a astuta, a de boa memória*. Por ser cartomante, estava sempre tentando persuadir as pessoas que lhe procuravam, entre elas Glória e a pobre Macabéa. Porém, o que dizia nunca se realizava, acabando por revelar, para o leitor, a fraude e o calote como resultados de sua profissão. A veracidade desta afirmação está no fato de Maca ter sido influenciada por suas palavras e, num momento de ilusão, ter acreditado que tudo em sua vida iria mudar, quando na verdade o destino havia lhe reservado um trágico fim:

—Macabéa! Tenho grandes notícias para lhe dar! Preste atenção, minha flor, porque é da maior importância o que vou lhe dizer. É coisa muito séria e muito alegre: sua vida vai mudar completamente! E digo mais: vai mudar a partir do momento em que você sair da minha casa! Você vai se sentir outra. Fique sabendo, minha florzinha, que até o seu namorado vai voltar e propor casamento, ele está arrependido! E seu chefe vai lhe avisar que pensou melhor e não vai mais lhe despedir! (p. 67)

Com Maca, moravam Maria da Penha, Maria Aparecida, Maria José e Maria apenas. Etimologicamente, Maria significa *amargura, mágoa*, ou seja, o sofrimento da mulher reduzido ao nome. De origem popular, Maria também guarda um sentido sublime, visto que Maria é o nome da mãe de Jesus, o filho de Deus. Designa, ainda, nas pessoas de baixa classe social, aquela que enfrenta no seu cotidiano as mais diversas dificuldades e, por extensão, pertence à classe dos excluídos. Portanto, estamos diante de significações paradoxais. As Marias vivem um cotidiano pobre e sonham o sublime tocante que os seus nomes encerram.

A linguagem

A Hora da Estrela, embora tenha sido construído de forma paradoxal, possui uma unidade de sentido. Um dos paradoxos mais significativos diz respeito à linguagem que é simples, quanto à escolha vocabular e à construção sintática, mas extremamente complexa quanto à significação. Em sua inquietação metalingüística, o narrador comenta sobre a própria produção da obra, questionando, inclusive, se a vida da protagonista, *tão sem importância*, merecia tamanho esforço físico e mental de sua parte:

> Por que escrevo? Antes de tudo porque captei o espírito da língua e assim às vezes a forma é que faz o conteúdo. Escrevo portanto não por causa da nordestina, mas por motivo grave de "força maior", como se diz nos requerimentos oficiais, por força de lei. (p. 32)

> Por enquanto quero andar nu ou em farrapos, quero experimentar pelo menos uma vez a falta de gosto que dizem que é a hóstia. (p.19)

> A ação desta história terá como resultado minha transfiguração em outrem e minha materialização, enfim, em objeto. (p. 20)

Quanto às imagens referentes a Macabéa, estas são cruelmente emitidas pelo seu criador, Rodrigo S.M., que desconstrói, despersonaliza a personagem para tentar, segundo ele, definir a sua essência. Para isso, ele procura deixar em evidência a sua insignificância, comparando-a com um capim; uma cadela vadia; um parafuso dispensável: "Ela era subterrânea e nunca tinha tido floração. Minto: ela era capim." "Quero neste instante falar da nordestina: ela é como uma cadela vadia era teleguiada exclusivamente por si mesma."

Ainda em relação às imagens, um recurso bastante recorrente está no uso da palavra *explosão*. Esta palavra é usada com um intuito de representar as sensações de Macabéa, quando ela se sente injustiçada, humilhada, ou quando experimenta novas experiências, como passar batom, por exemplo.

Imagens muito fortes estão presentes no início e no final da história. O título *A Hora da Estrela* tem relação com algo elevado, superior e sublime. Será que Macabéa era assim? Ao morrer, vê *estrela de mil pontas*, mas, na realidade, morrera jogada ao capim, sem ninguém, jogada como uma coisa qualquer. Portanto, somente no mundo imaginário e esperançoso no qual se encontrava, é que ela era uma estrela; no mundo da *realidade*, ela era apenas *capim*, ou seja, a mais rasteira e humilde das coisas, sob os pés das pessoas.

Referências

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política.* Obras escolhidas. Vol. I. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.
FARIA, Ernesto. *Dicionário escolar latino português.* Rio de Janeiro: FAE, 1992.
GUIDIN, Márcia Lígia. *A hora da estrela: roteiro de leitura.* São Paulo: Ática, mm1994.
LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela.* Rio: José Olympio, 1977.
MINDLIN, Dulce Maria Viana. *Ficção e mito: à procura de um saber.* Goiânia: CEGRAF,
1992.
NOVELLO, Nicolino. *O ato criador de Clarice Lispector.* Rio de Janeiro: Presença; Brasília:
INL, 1987.

PENNACCHI, Marcos José Maria e Alves, Evandro A. de Castro. *2300 nomes para o seu bebê.*
São Paulo: Flash Editora, 1982.
SÁ, Olga de. *A escritura de Clarice Lispector.* Petrópolis: Vozes, 1979.
WALDMAN, Berta. *Clarice Lispector: a paixão segundo G.H.* São Paulo: Escuta, 1992.